

O que há de verdade no ficcional?

A subjetivação e o feminino de Mazikeen da série Lúcido

Joanah Dal Mas dos Santos¹
Karine Santos Camelo²
Luan Paris Feijó³
Eduarda Duarte de Barcellos⁴

1 INTRODUÇÃO

Lúcido teve início no ano de 2016, vinculada a Warner Bros. Entertainment Inc., a série é baseada na HQ do personagem criado por Neil Gaiman. Publicada pela Vertigo Comics no ano de 1999, selo da DC, a proposta de Lúcido voltava-se para narrativas mais adultas. A Warner cancelou a série em 2018 na terceira temporada, sem nenhum encerramento. Após insistência dos fãs, a Netflix comprou os direitos autorais da série, dando seguimento a partir da quarta temporada e finalizando no ano de 2021 com seis temporadas.

É importante ressaltar todo o movimento feito pelos fãs da adaptação e também do ator principal Tom Ellis (Lúcido) para que a série pudesse ter uma sequência e ser finalizada de maneira adequada. Assim, pode-se notar que esse movimento dos fãs da obra reflete o que a série tenta passar. Se enquadrando na categoria de gênero policial, fantasia, baseada em HQ e dramática como coloca a plataforma de Streaming Netflix, a série consegue associar diversas narrativas subjetivas do público.

O enredo da série se dá quando o personagem principal, Lúcido, após sair do inferno vai para Los Angeles tirar férias. Ele abre uma boate, a “Lux”, e vive dos excessos que o mundo dos humanos oferece. A história começa a se desenrolar quando uma pessoa famosa é assassinada e o Diabo busca por justiça e punição aos responsáveis pelo assassinato, conhecendo assim a protagonista, policial Chloe Decker interpretada pela atriz Lauren German. Por conta dos poderes de persuasão de Lúcido, ele e Chloe se tornam uma dupla inusitada de trabalho, sendo o Diabo o consultor de investigações de homicídio da polícia de Los Angeles. A partir dessa narrativa, os outros personagens vão aparecendo, sempre no contexto relacionado ao Lúcido. A personagem que aqui é foco, a Mazikeen (ou Maze), interpretada pela atriz Lesley-Ann Brandt já aparece logo no início quando ela decide acompanhar Lúcido em suas férias.

Maze vem para terra com o objetivo de proteger Lúcido, que é seu melhor amigo e a narrativa dela dentro da série gira em torno não apenas do personagem principal, mas também desse período na terra ser momentâneo e na expectativa da promessa de eles voltarem para o inferno. Enquanto desde o início o Diabo parece desenvolver sua história, percepção de si e olhar para seus desejos, Maze parece estagnada, não tenta ser um “demônio melhor” ou viver bem na terra porque para ela a passagem de Lúcido em Los Angeles é temporária.

¹ Psicóloga formada pela Universidade La Salle. Especializanda em Teoria Psicanalítica e as Psicoterapias da Idade Adulta pelo Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7057796898934110>. E-mail: joanah.dalmas@hotmail.com.

² Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); especialista em psicoterapia psicanalítica de adultos pelo Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade (CIPT) e membro do Departamento de Dificuldades Alimentares da mesma instituição. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9789200674678533>. E-mail: karine.scamelo@gmail.com.

³ Doutor e Mestre em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3196061324024827>. E-mail: luan.feijo@unilasalle.edu.br.

⁴ Psicóloga graduada pela UFRGS. Mestre em Psicologia Clínica pela UNISINOS. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4451478170243707>. E-mail: eduarda.db@gmail.com.

Pode-se ver várias modificações no desenrolar da história da personagem, como quando ela insiste em voltar para o inferno, personagens que se apaixona, novos laços que consegue criar... São diversos momentos que no decorrer da sua história o telespectador consegue, pouco a pouco, observar a personagem se desenvolvendo e olhando pro seu próprio desejo, ao invés de ficar na sombra do Diabo.

A partir dessas considerações, este trabalho tem como tema a construção subjetiva da personagem Mazikeen, personagem da série *Lúcifer*, inspirada na HQ criada por Neil Gaiman, e o objetivo volta-se para a reflexão acerca do feminino e seus caminhos, tanto na trama quanto em um contexto sociocultural, pensando sempre a partir da ótica psicanalítica. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma análise fílmica estrutural-significativa.

1.1 Método

A análise qualitativa, para Gil (2008) pode ser definida em três etapas, sendo elas a redução, exibição e conclusão e/ou verificação. Gil (2008, p. 178) ainda esclarece que a análise qualitativa “[...] procura na interpretação é a obtenção de um sentido mais amplo para os dados analisados, o que se faz mediante sua ligação com conhecimentos disponíveis, derivados principalmente de teorias”.

A escolha desse trajeto metodológico tem como finalidade a flexibilidade de poder relacionar elementos ficcionais da série *Lúcifer* e da personagem Mazikeen com a teoria, por isso a escolha da análise fílmica estrutural-significativa (Champagnatte; Castro, 2021). Para Motta (2013, n.p.), o estudo das narrativas refere-se a quem somos, ou seja, para o autor

Nossa vida individual, nossa identidade, é uma narrativa pessoal. Estamos sempre contando histórias de nós mesmos, fazendo pequenos relatos das nossas experiências e testemunhos de nossos sonhos. [...] nosso eu se transforma em um conto, um relato valorativo. Podemos estudar narrativas, portanto, para compreender esse conto.

Assim, o delineamento do amadurecimento representado por Mazikeen é, se não, o delineamento na atualidade feito pelo subjetivo de tantas outras mulheres. Esses contos da personagem é, por fim, o conto de outros inconscientes. Para Motta (2013) o *script* da literatura, dos cinemas, etc., é nada mais que uma acumulação de nossa história em todas essas histórias contadas. Segundo o autor, é por meio dessas narrativas que podemos ser influenciados e também retratados.

O inconsciente é feito de enroscos, muitos deles vindo dos afetos construídos ao longo da vida, o que não é diferente dos enroscos de Mazikeen, visto que ora adorada pelos telespectadores, ora “odiada” por eles. Assim como o ser humano, ela demonstra a ambivalência de sua personalidade no decorrer da série. Por último, se evidencia que, este trabalho volta-se para a compreensão da “[...] experiência constitutiva do sujeito.” (Motta, 2013, n.p.) descrita através da história da personagem, possibilitando a reflexão com a atualidade espremida nela.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Enredo e Considerações Acerca dos Processos de Subjetivação

A personagem Mazikeen da série *Lúcifer*, adaptação da HQ de Neil Gaiman, é um demônio que tortura pessoas no inferno e vem para terra cuidar de *Lúcifer*, enquanto seu melhor

amigo tira férias. Ela é impulsiva e muitas vezes usa a sexualidade como manipulação e não tem empatia. Foi abandonada pela sua mãe, tendo muitos sentimentos de rejeição e abandono.

No decorrer da série, pode-se ver diferenças importantes na construção da personagem, em comparação com a HQ. Na HQ de Lúcifer, por exemplo, Mazikeen e o diabo são um par romântico, entretanto, na série, embora tenham um forte vínculo, eles são amigos.

Outro ponto importante da evolução da personagem é no que se refere aos vínculos. Mazikeen tem feridas importantes no passado, o que dificulta o processo de amadurecimento e flexibilidade da personagem. Entretanto, com o passar do tempo, é evidente que isso muda, principalmente nas relações que ela começa estabelecer com outros personagens na série além do Lúcifer, como a Trixie. Uma relação improvável: um demônio e uma criança... Mas é essa amizade que facilita a formação de outros vínculos de Mazikeen, como a Dra. Linda, a Ella, o Amenadiel e até mesmo a Chloe, na qual a personagem odiava, por disputar sua atenção com Lúcifer.

Mais adiante na série, Mazikeen se apaixona por Eva. O relacionamento teve alguns desencontros. No início, quando a personagem se declarou para Eva, a mesma a rejeitou. Depois de um tempo, com a volta da Eva para a série, Mazikeen ainda estava muito machucada. No encerramento da série e da história da personagem, podemos ver muitas mudanças em seu comportamento, estabelecimento de vínculos, o casamento dela e da Eva, a constância do círculo de amigas, emprego, entre outros.

Aqui destaca-se dois pontos importantes para elucidar a estruturação da personagem, um deles é a problematização acerca da figura feminina. A personagem Mazikeen pode ser tomada como exemplo por mostrar de forma caricatural a sexualidade feminina, e aqui não só no corpo – é evidente que a personagem sensualiza e se utiliza disso na série em diferentes momentos – mas constitucional, subjetivamente.

Um demônio noturno, a paixão da noite [...] Lilith é ímpeto sexual, mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens; [...] Sabemos pouco, muito pouco do que poderia ser considerado o antecedente mítico de um feminismo condenado desde o princípio, demonizado por pretender certa satisfação sexual e marcado por idêntico desprezo na Babilônia [...] (Robles, 2019, p. 35).

Na série, a personagem fala muitas vezes da relação com a mãe, seu abandono e é possível perceber a influência disso perante seus atos e afetos. A série levanta muito essa problemática através da personagem (e de outras também). A Mazikeen é basicamente o símbolo sexual da repressão da mulher, assim como Lilith (Robles, 2019), e embora não se tenha o desprezo dos outros personagens sobre a “Maze”, ela mesma durante a série trás esses questionamentos, que insistem em incomodá-la, pois para ela, no modo de se ver, há um estigma por ser um demônio, que impossibilita ela de viver afetos, como ela mesma reitera.

A ideia de uma mulher boa e outra má, encarnadas por Eva e Lilith permaneceu até nossos dias, embora recaia também sobre Eva a maldição atribuída a seu pecado de orgulho. E é esse orgulho que congrega todas as superstições vinculadas à sedução feminina e que, através dos mitos, se manifesta a partir do simples desejo de igualdade até os encantamentos da feiticeira que persuade a vontade dos homens por meio de procedimentos ilícitos (Robles, 2019, p. 37).

Aqui não se fala só da Maze, a série mostra a dualidade da figura feminina com ela e com a Chloe (a “mocinha”). A sedução, a maldade, a persuasão, são características da Mazikeen no início da série e que, mesmo com amadurecimento e flexibilidade até o encerramento da

série, as características não a abandonam permanentemente. Características essas que confirma o que Etchegoyen (2007) destaca sobre a atuação e a teatralidade própria da histérica. O autor afirma que a teatralidade na histeria tem a tendência de dramatizar, assim, o histérico atua, “chamando atenção”, na qual tem como intenção impressionar o espectador, não sendo de fato autêntica.

A personagem representa questões que se problematizam atualmente, tanto no feminismo, quanto na psicanálise, acerca da mulher e da feminilidade. A própria Maze levanta e gira seu enredo sobre essas questões: sexualidade, afetos, trabalhos, desejos e não desejos... Enfim, mesmo tentando fugir do clichê é difícil pensar a estrutura psíquica dela fora da neurose histérica. Mesmo que na série pode-se perceber que ela não tinha muito limite entre o certo e o errado, e que isso foi instaurado nela a partir dos vínculos mundanos (como se fosse a instauração da repressão), é possível perceber que a natureza da angústia (Bergeret, 1988) dela continua sendo a de castração.

Sobre isso, é possível observar a neurose histérica no decorrer da série. A histeria feminina é um assunto bastante debatido ainda nos dias atuais por psicanalistas contemporâneos. Segundo Freud (1996), a histeria e a sexualidade feminina estão intimamente ligadas, devido a relação mãe-filha da menina, o que pode ser percebido também na ambivalência da relação da Maze com a própria Lilith da série. Ao mesmo tempo que ela quer o amor dessa mãe, ela também odeia essa mãe por tudo que ela fez.

No que diz respeito a essa relação da Mazikeen com Lilith, tem um episódio muito marcante que a personagem acha a casa da mãe⁵ e vai ao encontro dela, a fim de confrontá-la. Maze pergunta por que a mãe abandonou ela e seus irmãos demônios e Lilith responde: “eu fiz isso para te fortalecer e funcionou. Olha só para você, dá para ver que você não precisa de ninguém”. O que evidencia a marca da ambivalência, da rejeição e do abandono que Maze carrega e trabalha em si durante seu desenvolvimento de enredo na série. Mais do que nunca, neste momento da série, a personagem está em conflito com sua maneira de lidar com as coisas, e isso inclui sua dificuldade de formar vínculos e fortalecer relações, posto que por muitas vezes Maze retorna a repetir suas primeiras experiências, sobretudo, a da relação com a mãe.

A sexualidade feminina e a mulher sempre foi um impasse na cultura, na sociedade e também na psicanálise, entretanto, é a partir de novos autores que um melhor delineamento sobre a feminilidade e também a neurose histérica, é levantado. De acordo com Kehl (2016, p. 189, grifo nosso), “[...] a histérica tenta, em seu *“feminismo espontâneo”*, equiparar ou inverter a valorização de seu gênero, não a direção de seu desejo sexual.”. A Mazikeen traz um pouco disso no seu comportamento e questionamentos no decorrer da série, e aqui se ressalta a escolha da profissão dela (caçadora de recompensas) como um modo de sublimar e além disso, de autorizar seus desejos também. Outro ponto que ressalta isso, é o uso do desejo sexual do Outro e sua “sedução” como caçadora de recompensas também, em diversos episódios.

Uma problematização interessante a ser levantada é que durante muitos momentos da série a Maze foi uma personagem por vezes incompreendida e entendida como “difícil”, “maldosa”, quando na verdade ela só estava tentando lidar com tudo o que estava acontecendo com a vida dela no mundo “mundano”. O que, em outro personagem, como o Lúcifer, nunca foi questionado, ou entendido como “difícil” e sim como apenas características – compreensíveis – da personalidade do personagem.

Sobre isso, é importante visualizar a crítica do engodo social no que diz respeito às diversas formas de subjetivação da mulher na feminilidade e da histeria. Corroborando com o exposto, Castro, (2014, p. 91) diz que: “A incapacidade do saber constituído em lidar com a histeria é arraigada; descrita ao longo da história como santa, bruxa, epiléptica etc., ao sabor da

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hw7x0Gi9298&ab_channel=TioEren. Acesso em: 1 dez. 2022.

conjuntura, a histérica escapa sucessivamente a todas as determinações”. Além disso, um enredo que seria visto como “bem construído” em um papel masculino, é visto como “difícil” e truncado, no que se refere a um papel feminino.

2.2 Mazikeen, o Feminino, a Histeria e a Psicanálise

Vamos considerar que a pessoa tem uma ideia, que está acompanhada de afeto. Essa ideia acessa o consciente, mas é proibida pelo ego. Essa proibição é o núcleo da neurose. O ego faz uma ponte entre os desejos e o que vem de fora; esse afeto, na neurose, tem um destino. Freud e Breuer (1996, p. 44) dizem que

[...] cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata e permanente, quando conseguíamos trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhara, e quando o paciente havia descrito esse fato com o maior número de detalhes possível e traduzido o afeto em palavras. A lembrança sem afeto quase invariavelmente não produz nenhum resultado.

A série mostra a evolução da personagem, sobretudo quando esse afeto é traduzido em palavras. Além de levar em consideração a estrutura e suas implicações, é preciso levar em consideração como aquela pessoa funciona, levar em consideração sua singularidade, comportamento, mecanismos de defesa. É possível observar que a Maze tem um histórico familiar dolorido, composto por excessos, que inclui abandono e feridas no que se refere a isso, seu relacionamento com os irmãos, sua vida no inferno e. Tudo isso impacta seu processo no mundo humano e suas relações de modo geral. Segundo as autoras Pires e Nascimento (2019, p. 1), representar

[...] implica a construção de uma imagem social que permite uma relação decifrável sobre seus significados. Nessa ótica, a historicidade e a cultura são as instâncias que viabilizam a criação de signos que se padronizam coletivamente nos sistemas simbólicos de uma dada sociedade.

É nesse contexto que este trabalho estará debruçado, trazendo à luz da teoria as diferentes formas que, na atualidade, pode-se relacionar o subjetivo com a representação performativa em séries. Ainda de acordo com as autoras, a questão místico-religiosa sempre permeou nossa cultura. A figura do diabo esteve presente e representada de diversas formas e também impactou comunidades e pessoas. Sobre isso, Pires e Nascimento (2019) reiteram que a persona mítica do diabo culminou na morte de milhares de mulheres, na conhecida caça às bruxas, porque essas mulheres carregavam algum tipo de relação com o diabo.

Entretanto, aqui há de se discordar em parte das autoras, pois a caça às bruxas, como explicam Homem e Calligaris (2019, p. 16) foi, na realidade um “genocídio de gênero”. Não é em vão que eles colocam as mulheres torturadas e queimadas no capítulo “O ódio à mulher”. Já na Renascença, as mulheres que se dedicavam a uma vida reclusa na floresta ou no campo, que dominavam conhecimentos de cura e de plantas e que não se submetiam ao comportamento servil eram consideradas bruxas, e por isso perseguidas, torturadas e assassinadas.

As marcas desse tempo e da construção patriarcal ainda se fazem presentes na atualidade e na subjetividade feminina (e masculina). Talvez por isso, figuras femininas que expressam uma subjetividade recalcada podem ser tão instigantes, como é o caso da personagem Mazikeen.

Indo além, antes do período da Renascença e, principalmente, dos tempos atuais, considera-se pensar sobre como a figura emblemática da mulher, do feminino e dessa questão místico-religiosa que permeia as mulheres e Maze, era colocada e vista pela comunidade. Silva e Londero (2016) ressaltam que antes do patriarcado o matriarcado e a centralidade feminina

eram marcadores entre comunidades. Os autores explicitam que no início dos tempos a mulher ocupava lugar de poder central e era cultuada como um ser sagrado por conta da sua capacidade de produzir e nutrir vida. Ademais, os autores também apontam que a religião era fundamentada no culto à "Deusa-Mãe", e o corpo feminino era visto como a única fonte de vida biológica.

Segundo Silva e Londero (2016) a transição para o patriarcado incluiu diversos fatores como: a necessidade de força física para a guerra e agricultura, supremacia masculina, a chegada do casamento e a mulher enquanto propriedade do homem e a divisão do trabalho (na qual o homem era centrado em serviços externos e a mulher ao âmbito doméstico, reprodução e cuidado do lar e filhos).

O patriarcado é um sistema complexo de opressão que, como exposto, incluiu diversos fatores em sua transição. Esse sistema de opressão, como Silva e Londero (2016) colocam teve a influência da igreja católica, na qual praticou diversas atrocidades contra as mulheres, hostilizando-as como figuras "nefastas" ou "portas do Diabo" (Silva e Londero, 2016; Pires; Nascimento, 2019); bem como a caça às bruxas (Homem; Calligaris 2019), na qual Silva e Londero (2016) destacam o período da Inquisição e o manual "*Malleus Maleficarum*", que justificava torturas e execuções e por fim, a institucionalização, na qual os autores descrevem o patriarcado como um sistema social (e não natural) que justifica a dominação masculina através da violência e de leis que mantêm a mulher em situação de inferioridade.

Essa retomada se tem importância neste trabalho para que se possa pensar na personagem além da estrutura histórica, mas também no contexto místico-religioso que ela circunda. Mazikeen era não só quem administrava o inferno ao lado de Lúcifer. A personagem tinha o papel de torturar todas as almas que eram destinadas ao submundo, sendo esse um papel de poder. É interessante pensar como na personagem podemos visualizar essa transição de, antes um lugar de poder para um lugar de opressão, na qual se vê subjugada a sombra do Diabo em Los Angeles. Posto isso, a ligação dessa transição para a opressão também pode ser analisada a partir da origem da psicanálise através da palavra feminina (Mestre, 2024) e da histeria.

Sobre isso, Santos e Ratto (2022) ao ponderar acerca dos processos de subjetivação da mulher na atualidade a partir da psicanálise, colocam uma lente crítica acerca do início da histeria e das primeiras históricas de Freud, trazendo a

[...] importância da sublimação e a repressão social era colocada como parte significativa da subjetivação da mulher. Assim, as mulheres eram tidas como instruídas que conseguiam se arranjar com as possibilidades da época (através da literatura, por exemplo, como foi visto), e as que não conseguiam, acabavam indo para o caminho da produção da neurose (Santos; Ratto, 2022, p. 15).

Visto isso, mais uma vez aqui se destaca a importância da sublimação no processo de subjetivação da mulher bem como da personagem Mazikeen, quando ela consegue, no decorrer de seu enredo, autorizar seus desejos e sublimar através da profissão, saindo do centro do enredo do personagem principal Lúcifer – que é diabo, que é homem.

Contudo, essa busca por uma posição autônoma não anula o impasse estrutural da feminilidade enfrentado pela personagem. Nesse sentido, a dificuldade em 'arranjar-se' com os desejos nos conduz a outra característica da histeria: o fato dessas pacientes atribuírem muita importância às outras mulheres, sobretudo, ao que falta.

Segundo Catani (2014, p. 75), “[...] uma característica da histeria: é o fato dessas pacientes atribuírem muita importância às outras mulheres.”. Portanto, ainda conforme Catani, “Existe uma valorização e uma preocupação de imaginar quem seria esta outra mulher - a da traição - e o que ela teria” (2014, p. 75). Ou seja, para a histórica, a outra (mulher) teria o segredo da feminilidade, de como ser mulher, amada e desejada. Seria a fantasia da grande descoberta que permeia a questão do que é ser uma mulher. Catani (2014, p. 75) diz que “Há uma

expectativa de que ao se descobrir quais são os enigmas desta questão acerca do feminino, que lhe é tão obscura, isso lhe garantirá ser amada e não ter mais que lidar com a frustração de não possuir o pênis, o que para ela é inadmissível”. Melhor dizendo, essas características atribuídas a estrutura histérica podem ser percebidas quando Mazikeen pede a Deus uma alma – algo que lhe falta e as Outras têm – e também a sua relação com a mãe e, principalmente, com Chloe no decorrer da série.

Ainda, acerca do pedido para Deus por uma alma, e a fantasia de que precisa disso para ser uma ser uma pessoa, é um pedido marcado pela falta. O que falta para Maze? O que falta para ela se tornar mulher? O que falta para ela se tornar sujeito? Essa falta é talvez um dos símbolos da constituição psíquica. De acordo com isso, Santos e Ratto (2022, p. 3) reforçam que:

Ainda acerca da constituição da sexualidade feminina, Freud atribui essa ligação mãe filha com a etiologia da histeria, e que tanto isso quanto a neurose seriam características femininas. Dessa forma, quando ele diz que a neurose é característica feminina pode ser compreendido também como a castração, porque suportar o feminino é suportar a castração, visto que todas as mulheres estão marcadas psiquicamente pela falta desde a origem.

Dessa maneira, Castro (2014, p. 89) pontua que “[...] a estratégia histérica consiste na valorização da falta, designada pelo objeto a que ocupa a posição da verdade no discurso da histeria. Para eludir o gozo, cultiva-se a insatisfação”. Assim, na histeria, o desejo insatisfeito é o desejo procurado pela histérica. Essa perspectiva é modificada quando esse desejo insatisfeito é sublimado através da profissão de caçadora de recompensas e da autoafirmação de que Maze é sim uma pessoa normal e que pode amar e dar amor, mesmo sem uma alma.

Em última análise, a trajetória de Maze revela que o destino não precisa ser um eco eterno do abandono familiar. Ao romper com a repetição que ditava seu sofrimento, ela descobre que o prazer não reside na posse do que lhe falta, mas na liberdade de habitar seus próprios desejos. Maze deixa de ser refém de suas sombras para se tornar, enfim, a autora de sua própria subjetividade, em constante construção de um vir-a-ser, um devir (Santos; Ratto, 2022).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, a histeria era concebida como uma enfermidade relacionada aos humores femininos. Posteriormente, tais manifestações passaram a ser interpretadas sob a ótica religiosa, sendo frequentemente compreendidas como formas de possessão ou obsessão espiritual. Já na Idade Moderna, os fenômenos histeriformes passaram a ser caracterizados como um “mal do século”. Já, por volta de 1870, a histeria era descrita como “um ser mórbido, extravagante e indisciplinado, um ser inapreensível, de aparições múltiplas e enganosas” (Trillat, 1991, p. 144). Nesse período, a moral burguesa do século XIX exerceu forte repressão sobre a sexualidade de maneira geral, incidindo, contudo, de forma ainda mais rigorosa sobre as mulheres.

Tomando como objeto de análise a série “Lúcifer”, este trabalho também se propõe a refletir e problematizar o que a moral sexual repressiva revela acerca da sexualidade e dos ideais de feminilidade. Nesse sentido, as produções culturais, como se observa na referida série, podem operar como um ponto de fissura no véu simbólico que encobre e orienta os caminhos socialmente prescritos às mulheres.

Foi possível observar que a mulher, assim como a feminilidade e a própria histeria, foi historicamente associada a ideias de “dificuldade”, “falta de controle” e “loucura”. Nesse contexto, a personagem Mazikeen tensiona aquilo que, teoricamente, é apontado como

estratégia histérica, a qual se caracteriza pela valorização da falta e pela manutenção da insatisfação. Inicialmente apresentada como alguém que vem para cuidar de Lúcifer, a personagem passa a confrontar suas próprias questões ao se deparar com um mundo humano que lhe é estranho. Esse processo se intensifica quando se envolve afetivamente com Eva, abrindo espaço para a ampliação de seus afetos, vínculos e experiências relacionais.

Antes colocada a sombra do protagonista, diabo e homem, Mazikeen, ao romper esse papel de cuidado imposto, pode sair do inferno – interno – e então tornar-se mulher. Interrogando-se e se tornando autora de sua própria subjetividade e alteridade.

Diante disso, emerge um questionamento: mulheres que interrogam as normas estabelecidas, que reconhecem seus desejos e sua sensualidade, devem ser compreendidas como necessariamente insatisfeitas e marcadas pela falta? Ou, ao contrário, estariam ocupando uma posição que provoca inquietação justamente por evidenciar um saber sobre si mesmas e sobre seus próprios desejos?

REFERÊNCIAS

BERGERET, Jean. **A personalidade normal e patológica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ETCHEGOYEN, R. Horácio. **Fundamentos da técnica psicanalítica** (1991). Porto Alegre: Artmed, 2007.

CASTRO, Julio Cesar Lemes de. A histeria como discurso: da estrutura clínica ao laço social. In: AMBRA, Pedro; SILVA JÚNIOR, Nelson. **Histeria e gênero: sexo como desencontro**. São Paulo: nVersos, 2014. p. 83-106.

CATANI, Júlia. Ler, escrever e inscrever a histeria: os novos nomes, os novos sintomas e a velha neurose. In: AMBRA, Pedro; SILVA JÚNIOR, Nelson. **Histeria e gênero: sexo como desencontro**. São Paulo: nVersos, 2014. p. 53-81.

CHAMPANGNATTE, Dostoiewski M. de Oliveira; CASTRO, Lidiane Nunes de. Uma análise do filme “Azul é a cor mais quente” a partir da proposta metodológica de análise fílmica estrutural-significativa – o corpo e o amor lésbico em cena. **Revista Philologus**, ano 27, n. 79 supl., 2021.

https://www.google.com/url?q=http://www.filologia.org.br/xiii_SINEFIL/completos/uma_analise_DOSTOIEWSKI.pdf&sa=D&source=docs&ust=1747233619557010&usg=AOvVaw2f-2n30f6OvYYqN-Cid437.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2, p. 41-53.

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina (1931). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. trad. Jayme Salomão, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 233-251.

GALDI, Maíra Bittar; CAMPOS, Érico Bruno Viana; BOCCHI, Josiane Cristina. **A histeria como mal-do-século XIX e sua marca para o legado freudiano sobre a feminilidade.** Universidade de São Paulo. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 36, 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo. **Coisa de menina?:** Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo. São Paulo: Papyrus 7 Mares, 2019.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino:** a mulher freudiana na passagem para a modernidade. São Paulo: Boitempo, 2016.

MESTRE, Cauana. O labirinto da repetição. In: MATTUELLA, Luciano; TRISKA, Vitor Hugo (Orgs.). **Freud hoje:** a técnica. Porto Alegre: Editora Zouk, 2024. p. 113-126.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica narrativa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PIRES, Valtynnya Campos; NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. Complexidade narrativa: a série “Lúcifer” e as percepções do mito do diabo. **Revista Anagrama:** Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, v. 1, ano 13, 2019.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas:** o feminino através dos tempos. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

TRILLAT, Étienne. História da histeria (tradução Patrícia Porchat). São Paulo: Escuta, 1991.

SANTOS, J. D. M. **(Des)caminhos do feminino na mulher:** discussões psicanalíticas. 2022. 23 f. Trabalho de Conclusão (Graduação em Psicologia) - Universidade La Salle, Canoas, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/3403>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SILVA, Vinicius da; LONDERO, Josirene Candido. Do matriarcalismo ao patriarcalismo: formas de controle e opressão das mulheres. In: **Colóquio Nacional Representações De Gênero e Sexualidades**, 12., 2016, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2016/TRABALHO_EV053_MD1_SA8_ID48_21042016135430.pdf. Acesso em: 30 mar. 2025.